

CINEMA DE ARQUIVO? O USO DE IMAGENS PRÉ-EXISTENTES NO DOCUMENTÁRIO¹

Sabrina Tenório Luna da Silva²
Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

Resumo: Neste artigo, pretendemos debater sobre o uso crescente de imagens pré-existentes como base para a realização de documentários, principalmente em suas intersecções com o cinema experimental. Dessa forma, pretendemos destacar obras contemporâneas que se valem de imagens de arquivo em sua construção e utilizam diferentes estratégias para isso.

Palavras-chave: Cinema de Arquivo. Documentário. Cinema Experimental. Apropriação.

Resumo expandido: O uso de imagens pré-existentes para a realização de novos filmes existe praticamente desde o início do cinema e ocorre a partir de diferentes modalidades. Apesar disso, essa prática é ainda pouco documentada e ocupa um espaço pequeno e periférico nos debates teóricos, contando com pouca bibliografia e sendo praticamente inexistente no currículo dos cursos de cinema. Ao pensar na montagem realizada a partir do uso de materiais pré-existentes, o formato de citação (principalmente dentro do documentário), aparece como a modalidade mais difundida. A citação é fenômeno recorrente no cinema contemporâneo e aparece de forma a homenagear, fazer alusão ou reproduzir trabalhos anteriores (WEINRICHTER, 2009, p. 12). Ao pensar no documentário, é senso comum pensar no uso de imagens pré-existentes, mais especificamente, imagens de arquivo, na forma de citação, como forma de corroborar uma ideia.

Nesta comunicação, pretendemos trazer esse tema para um debate mais central em torno das linguagens e processos de realização audiovisual, pois as formas de uso de imagens pré-existentes para uma nova realização vão muito além da citação e podem ser encontradas em práticas diversas, que se situam, em grande parte, nos limites entre o documentário e o cinema experimental. Entre essas práticas se encontram o *found footage*, o filme ensaio, o documentário de compilação e o *remix*. Como afirmado anteriormente, esses estilos apresentam bibliografia e documentação escassas, provavelmente devido à própria natureza dispersa das obras, que não se encaixam em padrões facilmente definidos e tampouco apresentam de maneira óbvia elementos que lhes confirmem uma possível unidade. Tais práticas, porém, levantam questões importantes para a história do cinema e da contemporaneidade: elas alertam para a necessidade de arquivos audiovisuais como fontes de memória, assim como atestam tanto as mudanças das normas sociais

¹ Trabalho apresentado na 12ª Semana de cinema e audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (SAU UEG) e 2º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central (EECABC), que ocorreu na cidade de Goiás(G) de 14 a 16 de junho de 2023.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora adjunta do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Mato Grosso. E-mail: sabrina.silva4@ufmt.br

quanto o desenvolvimento de novas tecnologias. A imagem técnica (FLUSSER, 1985), seja ela fotográfica ou audiovisual, levanta questões diversas, que vão desde a sua materialidade até questões sociais, que denotam o acesso a meios de reprodução da imagem. Esse debate está presente em várias obras, onde o diálogo com o material utilizado abre espaço para questionamentos.

O mundo contemporâneo é repleto de imagens técnicas, cuja quantidade aumenta sempre que um novo dispositivo de captação de imagem é desenvolvido. Atualmente, convivemos com arquivos imagéticos diversos em termos de materialidade e conteúdo e portanto, com possibilidades diversas de criação, apropriação e reutilização. A produção de imagens, porém, não é resultado apenas de um processo tecnológico, mas também de costumes e convenções. Tal como a tecnologia, o conteúdo é também resultado de uma época. Imagens transportam memórias produzidas por corpos, sendo repletas de intenções. Tendo esses fatos em vista, iremos pensar em documentários contemporâneos brasileiros feitos a partir de imagens pré-existentes tendo como base temas como a representação urbana, gênero, raça, sexualidade, colonialismo e memória, além da produção profissional e amadora de imagens, da materialidade dos arquivos e as suas consequências em termos de reprodução, criação e acesso.

Para iniciar o debate e apontar para o uso crescente dessa prática dentro do documentário brasileiro contemporâneo, destacamos as seguintes obras: *Jarro de Peixes* (CE, Dir. Salomão Santana, 2008), *Pacific* (PE, Dir. Marcelo Pedroso, 2009), *Supermemórias* (CE, Dir. Danilo Carvalho, 2010), *Um dia na vida* (Brasil, Dir. Eduardo Coutinho, 2010), *Elena* (Dir. Petra Costa, 2012), *Retratos de Identificação* (RJ, Dir. Anita Leandro, 2014), *Impeachment* (ES, Dir. Diego de Jesus, 2016), *Travessia* (RJ, Dir. Safira Moreira, 2017), *Fartura* (RJ, Dir. Yasmin Thayná, 2018), *Thinya* (PE, Dir. Lia Letícia, 2019), *Rebu - A egolombra de uma sapatão arrependida* (PE, Dir. Mayara Santana, 2019), *Albuesas* (MT, 2022, Dir. Glória Albues).

Acreditamos que ao estimular o diálogo em torno da definição dessas práticas, respeitando as suas individualidades dentro de um campo híbrido, poderemos oferecer uma base para a realização e análise de filmes contemporâneos que se incluem nessa estética, buscando definições mais específicas dentro de um campo geral que vem sendo, em sua maioria, denominado como Cinema de Arquivo. Arquivo esse, que:

sempre foi um penhor, e como todo penhor, um penhor de futuro. Mais trivialmente: não se vive mais da mesma maneira aquilo que não se arquivava da mesma maneira. O sentido arquivável se deixa também, e de antemão, co-determinar pela estrutura arquivante. Ele começa no imprimente. (DERRIDA, 2001, pg. 31)

A releitura, apropriação e ressignificação do arquivo oferecem ao cinema contemporâneo possibilidades discursivas e estéticas diversas, dialogando, diretamente com um espaço de

produção que vem sendo democratizado a partir do digital e engloba tanto o encontro com materiais audiovisuais, quanto um atestado das suas lacunas.

Referências Bibliográficas

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta – Ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

WEINRICHTER, Antonio. **Metraje encontrado: la apropiación en el cine documental y experimental**. Colección Punto de vista, Pamplona: Fondo de publicaciones del Gobierno de Navarra, n. 4, 2009.